

A invenção do Brasil

**O país efabulado no
Modernismo nacional**

Marcos Paulo T. Pereira



© Copyright 2016, Marcos Paulo Torres Pereira

Reitora: Prof.^a Dr.^a Eliane Superti

Vice-Reitora: Prof.^a Dr.^a Adelma das Neves Nunes Barros Mendes

Pró-Reitora de Administração: Esp. Wilma Gomes Silva Monteiro

Pró-Reitor de Planejamento: Prof. Msc. Allan Jasper Rocha Mendes

Pró-Reitora de Gestão de Pessoas: Emanuelle Silva Barbosa

Pró-Reitora de Ensino de Graduação: Prof.^a Leila do Socorro Rodrigues Feio

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof.^a Dr.^a Helena Cristina G. Q. Simões

Pró-Reitor de Extensão e Ações Comunitárias: Prof. Dr. Rafael Pontes Lima

Pró-Reitor de Cooperação e Relações Interinstitucionais: Prof. Dr. Paulo Gustavo Pellegrino Correa

Diretor da Editora da Universidade Federal do Amapá

Tiago Luedy Silva

Editor-chefe da Editora da Universidade Federal do Amapá

Fernando Castro Amoras

Conselho Editorial

Agripino Alves Luz Junior	Julio Cezar Costa Furtado
Ana Paula Cinta	Leticia Picanco Carneiro
Antonio Carlos Sardinha	Lylian Caroline M. Rodrigues
Camila Soares Lippi	Marcio Aldo Lobato Bahia
Tiago Luedy Silva	Mauricio Remigio Viana
Eloane de Jesus R. Cantuária	Raphaelle Souza Borges
Fernanda Michalski	Robert Ronald Maguina Zamora
Giovani Jose da Silva	Romualdo Rodrigues Palhano
Jadson Luis Rebelo Porto	Rosinaldo Silva de Sousa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B869 Pereira, Marcos Paulo Torres
P63i A invenção do Brasil: o país efabulado no Modernismo nacional / Marcos Paulo Torres Pereira. – Macapá: UNIFAP, 2016.
108p.; 16x23 cm.

ISBN: 978-85-62359-41-5

Literatura. 2. Literatura brasileira 3. Modernismo. I. Pereira, Marcos Paulo Torres. II. Título

CDD 869

Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá

País sem caráter ou a desgeograficação do Brasil em *Macunaíma*

Para Heurisgleides Sousa Teixeira
e Eduardo Andrés Mejía Toro

Contumaz nas análises sobre *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* é a afirmação que este fora escrito por Mário de Andrade em seis dias, durante suas férias em 1926, numa fazenda em Araraquara. Essa afirmação, por sua vez, serve como bem simbólico à consagração canônica atribuída à obra, alcançada, em grande parte, por uma construção emblemática de nação que lhe seria aderente, como representação de Brasil.

Alfredo César Melo (MELO, 2010, p. 206) afirmou que “o personagem construído por Mário de Andrade é o símbolo de deslocamentos geográficos, de temporalidades misturadas e de hibridismos culturais (além de raciais, por ser um índio-negro que virou branco)”. Neste estudo buscaremos discutir como essas ideias se corporificaram, mediante elementos catalisadores de tradição e imaginários que se tornaram repositórios simbólicos à tessitura de uma entidade (e não de uma identidade) de Brasil mediante a *desgeograficação* do país em *Macunaíma*.

Melo, que muito antes deste estudo empregou o termo “desgeograficar”, aponta para a condição mestiça que mobiliza o romance, à proporção que sua narrativa enaltece o

A invenção do Brasil

hibridismo, mas que, numa mesma toada, “examina criticamente os fins das apropriações antropofágicas e sugere um outro tipo de hibridismo para a cultura brasileira” (2010, p. 206), que, ao valorizar trocas culturais sul-sul, passa a ser denominado de subalterno pelo crítico. Noutros termos, uma antropofagia subordinada não com o europeu, mas uma antropofagia *para dentro*, com o interior¹ do país, o quê, por extensão, acaba por reverberar uma presença de Brasil ainda maior.

O emprego do termo “desgeograficação” se deu pela necessidade de encontrarmos um signo que abarcasse o campo simbólico dos caminhos percorridos pelo herói e seus irmãos, numa representação física do espaço; e do espaço como manifestação imaterial, em representações de mentalidade (como produto de hibridações e mestiçagens) e em transculturações². O uso deste neologismo nos servirá como evocação à ambiguidade que é ulterior à obra, entretanto confessamos que esse caminho não é incomum, pois Mário (ANDRADE, apud. CAMPOS, 1978, p. 365) já apregoava essa ideia no prefácio inédito do livro, escrito em 1926:

Um dos meus interesses foi desrespeitar lendariamente a geografia e a fauna e flora geográficas. Assim desregionalizava o mais possível a criação ao mesmo tempo que conseguia o mérito de conceber literariamente o Brasil como entidade homogênea – um conceito étnico nacional e o geográfico.

Maria Lúcia de Amorim Soares (SOARES, 2010, p. 191) versa sobre o diálogo entre a literatura e a geografia, afirmando que seu encontro é, ao mesmo tempo, fascinante e desafiador: desafiador pela ação do leitor na construção de

A invenção do Brasil

sentido, dada a bagagem cognoscitiva que este leva para o caminho de interpretação que irá trilhar; fascinante pelo entrecruzamento gerador de potencialidades de interpretação.

Seguindo Milton Santos (2006), adotamos o discurso geográfico como oriundo daquilo que lhe é mais basilar, o próprio espaço, numa constituição que busca compreender o fato que se quer pensar mediante aspectos metodológicos eleitos de forma a gerar as condições não somente para apresentação, mas para a representação de seus condicionantes e manifestações, inter-relacionando a uma práxis humana que possibilite o ler de forma material e/ou imaterial. O lugar é a extensão do acontecer solidário, inter-relações de se viver junto, do coletivo. Essas inter-relações, por sua natureza, geram manifestações simbólicas do espaço numa memória compartilhada, numa memória solidária.

“Desrespeitando lendariamente a geografia do Brasil” mediante apropriações e profanações realizadas por Macunaíma, Mário de Andrade proporciona ao leitor um exercício de alteridade que lhe possibilita não a identificação do Brasil, pois para este fim seriam cogentes elementos de reconhecimento e pertencimento, mas a apreensão de uma entidade de Brasil, de uma aura de Brasil. Para que houvesse identidade, insistimos, far-se-iam necessários elementos caracterizadores passíveis de serem reconhecidos, de serem capturados, porém, à proporção que o autor vaticina a ausência desses, o sem caráter aludido, a adesão inequívoca a um limite torna-se impraticável. No mesmo prefácio de 1926, Mário escreveu:

O que me interessou por Macunaíma foi incontestavelmente a preocupação em que vivo de trabalhar e descobrir o mais que possa a entidade nacional

A invenção do Brasil

dos brasileiros. Ora, depois de pelear muito verifiquei uma coisa me parece que certa: o brasileiro não tem caráter. (...) E com a palavra caráter não determino apenas uma realidade moral não, em vez entendo a entidade psíquica permanente, se manifestando por tudo, nos costumes na ação exterior no sentimento na língua na História na andadura, tanto do bem como no mal. O brasileiro não tem caráter porque não possui nem civilização própria nem consciência tradicional. Os franceses têm caráter e assim os jorubas e os mexicanos. Seja porque civilização própria, perigo iminente, ou consciência de séculos tenham auxiliado, o certo é que esses uns tem caráter. Brasileiros não. Está que nem o rapaz de vinte anos: a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais, mas ainda não é tempo de afirmar coisa nenhuma (ANDRADE, apud. CAMPOS, 1978, p. 367).

É no âmbito da ausência de caráter referendada por Mário que se dão as distinções entre identidade e entidade, através das escolhas narrativas eleitas na confecção de Macunaíma. Os elementos que evocariam identidade são também aqueles que, por sua natureza antropofágica, acabam por desvaecer os gatilhos que despertariam o reconhecimento, porquanto identificação, fazendo com que o leitor perceba o Brasil, entretanto não aquele que ele conhece de forma contumaz, aquele com a qual se identificaria, e sim um país ficcionalizado em um realismo primitivista responsável por despertar um sentimento de país.

Uma cara amiga nos disse certa vez, num tom coloquial que tentaremos o mais possível sermos fieis: “o cara escreveu para que os brasileiros vissem o Brasil, mas o povo não consegue entender o que está lá. Tem coisas do norte, do sul, do nordeste que vi, ouvi e provei desde a infância, mas há



A invenção do Brasil

outras que eu mesma não consigo identificar”. Influxos de tradição, memória, imaginários e de mentalidade não foram aproveitados no texto nos moldes de “ready made”, não foram empregados tal e qual seu recolhimento, mas relidos e ressignificados, servindo como catalisadores... Experiência e vivência constituem-se no e pelo coletivo na transmissão de tradições, assim é que a concepção de aura pode ser compreendida: “a gente mais ou menos pode perceber tendências gerais”, sentir o aparecimento daquilo que é real ao coletivo, numa rememoração (porquanto, ativo), num sentir, numa centralidade e relevância ontológica.

Gilda de Melo e Souza (2003, p. 10), acerca do processo de tessitura da obra, afirma:

Uma análise pouco mais atenta do livro mostra que ele foi construído a partir da combinação de uma infinidade de textos preexistentes, elaborados pela tradição oral ou escrita, popular ou erudita, européia ou brasileira. A originalidade estrutural de Macunaíma deriva, deste modo, do livro não se basear na mimesis, isto é, na dependência constante que a arte estabelece entre o mundo objetivo e a ficção; mas em ligar-se quase sempre a outros mundos imaginários, a sistemas fechados de sinais, já regidos por significação autônoma. Este processo, parasitário na aparência, é no entanto curiosamente inventivo; pois, em vez de recortar com neutralidade nos entrecos originais as partes de que necessita para reagrupá-las, intactas, numa ordem nova, atua quase sempre sobre cada fragmento, alterando-o em profundidade.

Mário de Andrade empregou como matéria literária elementos de condensação de memórias, acervos e repertórios de imaginários, de mentalidade e de tradições,

A invenção do Brasil

numa colagem inventiva, passível de ser sentida pelos brasileiros, suscitando algo de mistério e de admirável na percepção dessa aura de Brasil, pois que não há limites claros para se identificar quando começa esse sentir. Mário (ANDRADE, apud. JOHNSON, 1982, p. 100) explica, em carta aberta a Raimundo Moraes, seu intuito de trançar os fios narrativos de sua obra nos moldes da rapsódia:

O Sr. Muito melhor do que eu sabe o que são os rapsodos de todos os tempos. Sabe que os cantadores nordestinos, que são nossos rapsodos atuais, se servem dos mesmos processos dos cantadores da mais histórica antiguidade, da Índia, do Egito, da Palestina, da Grécia, transportam integral e primariamente tudo o que escutam e lêem pros seus poemas, se limitando a escolher o lido e escutado e a dar ritmo ao que escolhem pra que caiba nas cantorias... Foi lendo de fato o genial etnólogo alemão que me veio a ideia de fazer do Macunaíma um herói, não do “romance” no sentido literário da palavra, mas de “romance” no sentido folclórico do termo.

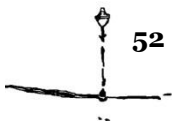
Macunaíma, como rapsódia, deixa-se contaminar por uma ressonância de vozes que, filtradas, gerariam presença de Brasil, contaminando o leitor, que se ligaria ao narrado por essa impressão, numa alteridade em dupla via, ressignificando símbolos e significados nas vozes que são escutadas, mas que não identificam uma única origem. Nesses termos, quando Gilda de Melo e Souza defende que Mário de Andrade não recortou e colou os influxos que se corporificam na obra, é porque, na verdade, a ressonância operou na narrativa, suscitando-lhe as ditas transformações para que o autor fosse em busca de entidade nacional.

A invenção do Brasil

Ressonância é um fenômeno físico caracterizado pela prolongação de um som através de sua repercussão em corpos. Ao encontrar-se com esses corpos, o som age sobre eles por reflexão, gerando vibrações que, caso o corpo seja propício, intensificam-no e o propagam com maior força. A compreensão desse fenômeno nos auxilia a decifrar tais manifestações ressonantes reverberadas em Macunaíma: Mário de Andrade, mediante extensa pesquisa sobre elementos concernentes ao campo simbólico representativo da mentalidade popular do país, agiu primeiro como receptáculo de vozes; em seguida, como diapasão, afinando acordes de substratos de mentalidade com conceitos de vanguarda; para, por fim, prolongar vozes pela tessitura da obra. Porquanto, os seis dias podem ser considerados momentos de efluxos, precedidos por tantos dias de pesquisa (acolhimento de influxos) quanto tantos outros foram necessários à afinação de acordes³.

Gilda de Melo e Sousa aponta para uma centralidade da pesquisa do autor à música popular brasileiro, ressaltando que

Se atentarmos para o material que serviu a Mário de Andrade na elaboração da narrativa, veremos que ele testemunha a mesma mistura étnica da música popular, apresentando uma grande variedade de elementos, provenientes de fontes as mais diversas: aos traços indígenas retirados de Koch-Grünberg, Couto de Magalhães, Barbosa Rodrigues, Capistrano de Abreu e outros, vemos se acrescentarem ao núcleo central narrativas e cerimônias de origem africana, evocações de canções de roda ibéricas, tradições portuguesas, contos já tipicamente brasileiros etc. A esse material, já em si híbrido, juntam-se as peças mais heteróclitas: anedotas



A invenção do Brasil

tradicionais da história do Brasil; incidentes pitorescos presenciados pelo autor; episódios de sua biografia pessoal; transcrições textuais dos etnógrafos, dos cronistas coloniais; frases célebres de personalidades históricas ou eminentes; fatos da língua, como modismos, locuções, fórmulas sintáticas; processos mnemônicos populares, como associações de idéias e de imagens; ou processos retóricos, como as enumerações exaustivas que segundo o próprio autor tinham a finalidade apenas poética de realizar “sonoridades curiosas” ou “mesmo cômicas” (SOUSA, 2003, p.15-16).

Macunaíma amplifica ressonâncias, pois presença e permanência de vozes foram negociadas durante a escrita da obra para que a entidade nacional pudesse ser expressa não como um fractal de regionalismos, e sim como uma matéria homogênea impossível de se diferenciar os compostos.

É o uso do espaço, e não o espaço em si, que faz dele objeto de presença e permanência⁴ de voz na obra, pois o discurso que se produz foge de uma perspectiva real de território para uma composição de lugar que permite uma articulação de sistemas culturais e transculturais, por isso múltiplos e fluidos, que organizam substratos de mentalidade numa terra ficcionalizada semelhante às acepções de Brasil, mas que não é aquele país sem caráter apontado pelo autor e sim o país potencial, na interpretação do termo como “força para vir a ser”, como a capacidade de alcance de uma entidade brasileira para se fincarem, a *posteriori*, marcos identitários de Brasil.

O entendimento desta distinção é fundamental para se apreender o sentido de existência individual e coletiva desta entidade, pois apresenta compostos basilares à percepção de caráter à proporção que possibilitaria o constructo de uma

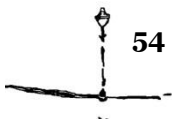
A invenção do Brasil

civilização própria pela antropofagia⁵ para dentro, propiciada pela desregionalização do nacional.

O poder de permanência da voz parte da aceitação da mensagem do emissor pelo coletivo⁶, à proporção que o primeiro se assuma na condição de sujeito social, reintensificando influências recebidas por seu discurso, pois a existência da linguagem está ligada à condição humana da convivência, à mentalidade e à memória coletiva, lugares onde as experiências são mediadas linguisticamente. Sistemas múltiplos e fluídos localizam em uma única esfera significativa os elementos culturais presentes na representação de nação que Macunaíma busca erigir, reintensificando vozes que serão propagadas por seu discurso, caracterizadoras de seu patrimônio cultural.

Los aspectos semióticos de la cultura (por ejemplo, la historia del arte) se desarrollan, más bien, según leyes que recuerdan las leyes de la memoria, bajo las cuales lo que pasó no es aniquilado ni pasa a la inexistencia, sino que, sufriendo una selección y una compleja codificación, pasa a ser conservado, para, en determinadas condiciones, de nuevo manifestarse (LÓTMAN, 1998, p. 153).

Se, como afirma Franco Júnior (2003, p. 89), a mentalidade “é a instância que abarca a totalidade humana”, então o coletivo, no seu caráter temporal e a-temporal, estrutura-se por meio de heranças, continuidades, tradição: a transmissão de geração a geração forja a permanência da mentalidade no social, delimitando a maneira pela qual se reproduzem mentalmente as sociedades. A desgeograficação, nesses termos, dá-se: 1) na subversão espacial, à proporção que se vulgariza noções de unidade terrestre, principalmente expositores de distância e de tempo para transcorrê-las; 2) no

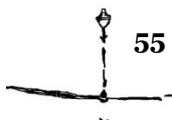


A invenção do Brasil

apagamento intencional de aspectos fronteiriços, antropofagicamente, de referenciais que seriam marcadamente identitários; e 3) no desconhecimento de marcadores regionalistas, em prol de uma ideia de unidade nacional. Na citação a seguir, estes três pontos se exemplificam:

– Paciência, manos! não! Não vou na Europa não. Sou americano e meu lugar é na América. A civilização européia decerto esculhamba a inteireza do nosso caráter. Durante uma semana os três manos vararam o Brasil todo pelas restingas de areia marinha, pelas restingas de mato ralo, barracas de paranãs, abertões, corredeiras carrascos carrascões e chavascas, coroas de vazante boqueirões mangas e fundões que eram ninhos de geadá, espreiados pancadas pedrais funis bocainas barroqueiras rasouras, todos esse lugares, campeando nas ruínas dos conventos e na base dos cruzeiros pra ver si não achavam alguma panela com dinheiro enterrado. Não acharam nada (ANDRADE, 1978, p. 104).

No enxerto “no outro dia Macunaíma depois de brincar⁷ cedinho com a linda Iriqui, saiu pra dar uma voltinha. Atravessou o reino encantado da Pedra Bonita em Pernambuco e quando estava chegando na cidade de Santarém (...)” (ANDRADE, 1978, p. 17), temos exemplo de subversão espacial e temporal, em um passeio que transpõe mais de dois mil quilômetros que separam Pernambuco do Pará, onde se situa Santarém. O mesmo se pode perceber no seguinte trecho, quando Macunaíma, no tempo de fechar os olhos da mãe, transporta sua morada e pertences de lado a outro do rio:



A invenção do Brasil

– Mãe, quem que leva nossa casa pra outra banda do rio lá no teso, quem que leva? Fecha os olhos um bocadinho, velha, e pergunta assim.

A velha fez. Macunaíma pediu para ela ficar mais tempo com os olhos fechados e carregou tejupar marombas flechas piquás sapiquás corotes urupemas redes, todos esses trens pra um aberto do mato lá no teso do outro lado do rio. Quando a velha abriu os olhos estava lá e tinha caça peixes, bananeiras dando, tinha comida por demais. Então foi cortar banana.

– Inda que mal lhe pergunte, mãe, por que a senhora arranca tanta pacova assim!

– Leva pra vosso mano Jiguê com a linda Iriquie pra vosso mano Maanape que estão padecendo de fome.

Macunaíma ficou muito contrariado. Maginou maginou e disse pra velha:

– Mãe, quem que leva nossa casa pra outra banda do rio no banhado, quem que leva? Pergunta assim (ANDRADE, 1978, p. 14).

De acordo com Milton Santos (2006, p. 39), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. Tal afirmação se deu no âmbito dos estudos geográficos, porém se adéqua ao “desmapeamento” desenvolvido na obra à implantação de uma geografia própria, ficcionalizada, que abarca o Brasil sem que haja fronteiras, tampouco observância espacial. Numa ação antropofágica desenvolvida pelo exercício de hibridismo subalterno, revela-se uma totalidade na qual a essência nacional se apresenta em elementos topográficos de norte, sul, nordeste, centro oeste como se fosse um só, por meio de apagamento intencional de liames fronteiros, subvertendo

A invenção do Brasil

conjuntos de sistemas e representações, como podemos inferir no seguinte enxerto: “muitos casos sucederam nessa viagem por caatingas rios corredeiras, gerais, corgos, corredores de tabatinga matos-virgens e milagres do sertão” (ANDRADE, 1978, p. 33).

Alexandre Dumas (DUMAS, apud. ECO, 2013, p. 66) comenta que “é prerrogativa de romancistas criar personagens que matam aqueles dos historiadores. A razão é que os historiadores evocam meros fantasmas, enquanto os romancistas criam gente de carne e osso”. Dumas refere-se aos personagens, mas, por extensão, o mesmo se aplicaria a todo constructo ficcional, pois o que vai à narrativa é o que importa para sua estruturação de sentido: ninguém colocaria um bacamarte numa sala de jantar se não fosse atirar com ele, ou seja, tudo que vai ao texto tem carne e sangue porque se articula à completude de sentido.

Que nos seja permitida uma paráfrase: foi prerrogativa de Mário de Andrade em *Macunaíma* criar uma geografia que apaga aquela dos geógrafos, por ter o romancista evocado uma entidade nacional maior do que aquela que esses crêem ser o Brasil.

No capítulo III, “Ci, mãe do mato”, quando é narrado o encontro do herói com Ci, temos dois expositores de desgeograficação do país, o primeiro se dá por permanência de vozes e transculturação, o segundo por efabulação de mentalidade na ausência de marcadores regionalistas espaciais e de aspectos fronteiriços no intuito se alcançar uma significação sincrética de caracterizadores telúricos e amorosos ao espaço descrito.

Neste capítulo, o herói tenta brincar com a mãe do mato, mas ela o rejeita e acabam lutando. Ele apanhava, pois em combate Ci era melhor. Os irmãos o acodem: “Maanape

A invenção do Brasil

trançou os braços dela por trás enquanto Jiguê com a murucu lhe dava uma porrada no coco”. Desacordada Ci, Macunaíma brinca com ela e, pela conquista, torna-se o imperador do mato. Explicação acerca dessa transculturação, buscamos em Berriel (1990, p. 135):

Ci surge como uma personagem composta: é uma índia da tribo das Amazonas, e ao mesmo tempo a Mãe do mato. Como tal, é o espírito criador e protetor da natureza brasileira, uma representação alegórica da nossa geografia. Macunaíma chega até ela empurrado por outra Mãe (Vei, a Sol), e assim temos o povo brasileiro, através de seu herói, casando-se com a natureza tropical. E tudo Isso a partir de uma situação criada pela Sol, isto é, pelo clima.

Até este ponto, não era realmente necessário, em termos de composição de personagem, que Ci, além de Mãe do Mato, fosse também uma amazona. O motivo real deste hibridismo está na necessidade de fazer surgir na narrativa a figura da muiraquitã.

A muiraquitã é elemento movente da narrativa, o principal motivo dos caminhos. É da necessidade de recuperá-la que todas as andanças são trilhadas. Observemos o trecho abaixo, que se encontra no capítulo “A francesa e o gigante”, no qual se expõe uma das tentativas de sua recuperação. O herói, transculturado de francesa, tenta ganhar a pedra, mas o gigante quer que ela/ele lhe ofereça favores sexuais. Macunaíma se nega, revela-se e foge:

Correram. Passaram Já rente à Ponta do Calabouço, tomaram rumo de Guajará Mirim e voltaram pra leste. Em Itamaracá Macunaíma passou um pouco folgado e teve tempo de comer uma dúzia de manga-jasmim que nasceu do corpo de dona Sancha, dizem. Rumaram pra sudoeste e

A invenção do Brasil

nas alturas de Barbacena o fugitivo avistou uma vaca no alto duma ladeira calçada com pedras pontudas. Lembrou de tomar leite. Subiu esperto pela capistrana pra não cansar porém a vaca era de raça Guzerá muito brava. Escondeu o leitinho pobre. (...) A vaca achou graça, deu leite e o herói chispou pro sul. Atravessando o Paraná já de volta dos pampas bem que ele queria trepar numa daquelas árvores porém os latidos estavam na cola dele e o herói isso vinha que vinha acochado pelo jaguara. (...)

E desviava de cada castanheira, de cada pau-d'arco, de cada cumpro bom de trepar. Adiante da cidade de Serra no Espírito Santo quase arrebentou a cabeça numa pedra com muitas pinturas esculpidas que não se entendia. De certo era dinheiro enterrado... Porém Macunaíma estava com pressa e frechou pras barrancas da ilha do Bananal. (...)

Chegou na pensão tomando a bênção de cachorro e chamando gato de tio, só vendo! suando esfolado com fogo nos olhos, botando os bofes pela boca (ANDRADE, 1978, p. 48).

Mas voltemos ao capítulo III, do qual extraímos o seguinte enxerto:

E os três manos seguiram com a companheira nova. Atravessaram a cidade das Flores evitaram o rio das Amarguras passando por debaixo do salto da Felicidade, tomaram a estrada dos Prazeres e chegaram no capão de Meu Bem que fica nos cerros da Venezuela. Foi de lá que Macunaíma imperou sobre os matos misteriosos, enquanto Ci comandava nos assaltos as mulheres empunhado txaras de três pontas (ANDRADE, 1978, p. 22).

Não são incomuns na topografia brasileira marcadores com nomes quase que “poetizados” pelo caráter que emanam.

A invenção do Brasil

Essa emanção, no que tange ao próprio nome, não se caracteriza como casualidade, e sim uma designação do signo para com o simbólico, seguindo uma série de referentes de valor, sejam estes de teor religioso, de medo, de admiração, amor, honra etc., que dão ao ente uma aura significativa e seu apelativo próprio. O nome em sua constituição gramatical nada tem de significativo, mas quando se decide qual será aquele atribuído está-se criando uma projeção simbólica ontológica que preencherá de essência aquela entidade. Adotar um nome é ter o destino, o caráter e a identidade pré-estabelecidos. O trecho matiza aspectos telúricos (por se relacionarem diretamente ao caminho, ao espaço) e amorosos (pois que é nesse caminho que a relação de Ci e Macunaíma se fortalece, por ela se apaixonar) na significação que transparece dessas localidades.

Macunaíma, um herói inacabado, um transculturador que durante seus caminhos operou constantes negociações de identidades e culturas, gerando hibridismos e antropofagias, realizando a soma de estoques culturais aos estoques primitivos que lhe seriam prévios, mas que não assimilou, tampouco foi fiel a nenhuma delas, permanecendo sem caráter. Umberto Eco (2013, p. 68) explica que “a capacidade de um personagem de ficção de nos fazer chorar depende não apenas de suas qualidades, mas dos hábitos culturais dos leitores – ou da relação entre suas expectativas e a estratégia narrativa”, porquanto nos parece que a entidade Brasil emanada de Macunaíma, que Mário de Andrade apresenta aos brasileiros, só seria possível assimilar em observância ao lugar onde este discurso se originou, no interior desse país *ainda* sem caráter, emergindo de um vociferante gracejo sob o qual a tristeza habita⁸, reproduzindo-se nos liames não do conteúdo intelectual, mas sob as paragens do sentir, na

A invenção do Brasil

maneira como respiramos, como sorrimos, como enfrentamos todos os dias as chibatadas da Vei Sol, nas determinações sociais, na preguiça, no sexo, nos sinais de memória e mentalidade que se repetem e se reproduzem pela ressonância de vozes...

À maneira de Macunaíma, tem mais não.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* – Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

BERRIEL, Carlos Eduardo (org.). *Mário de Andrade hoje*. São Paulo: Ensaio, 1990.

CAMPOS, Haroldo de. *Macunaíma: a imaginação estrutural*. In: *Macunaíma: o herói sem nenhum caráter* – Edição crítica de Telê Porto Ancona Lopez. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1978.

ECO, Umberto. *Confissões de um jovem romancista*. Trad. Marcelo Pen. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. O fogo de Prometeu e o escudo de Perseu. Reflexões sobre mentalidade e imaginário. *Revista Signum*. São Paulo: Associação Brasileira de Estudos Medievais, no. 5, 2003, p. 73-116.

JOHNSON, Randhal. *Literatura e cinema – Macunaíma: do modernismo na literatura ao cinema novo*. Trad. Aparecida de Godoy Johnson. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982

LÓTMAN, Iúri. *La semiosfera II: semiótica de la cultura, del texto, de la conducta y del espacio*. Madrid: Frónesis, 1998.

A invenção do Brasil

MELO, Alfredo Cesar. Macunaíma: entre a crítica e o elogio à transculturação. In: *Hispanic Review*, Volume 78, nº 2, 2010, pp. 205-227.

SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço: Tempo, Razão e Emoção*. 4ª. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOARES, Maria Lúcia de Amorim. O que é geografia de lugar nenhum? In: MARANDOLA Jr., Eduardo e GRATÃO, Lúcia Helena Batista. *Geografia e Literatura: Ensaio sobre geograficidade, poética e imaginação*. Londrina: EDUEL, 2010.

SOUZA, Gilda de Mello e. *O tupi e o alaúde: uma interpretação de Macunaíma*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.

ZUMTHOR, Paul. *A letra e a voz: a literatura medieval*. Tradução de Amalio Pinheiro, Jerusa Pires. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

¹ O emprego do termo interior não deve ser entendido por conotações de centro/margem, e sim relativo às concepções dentro/fora do país.

² Seguiremos a definição de transculturação utilizada por César Melo, que ancorou sua definição na acepção dada pelo antropólogo cubano Fernando Ortiz, significando o encontro de duas culturas formando uma terceira, mediante entre ajustes e negociações, acarretando necessariamente perdas e ganhos culturais nessa transação.

³ Conforme Gilda de Melo e Sousa, Macunaíma fora “corrigido e aumentado em janeiro de 1927”, tendo sua publicação vinda a lúmen somente em 1928.

A invenção do Brasil

⁴ Ressalte-se que a presença da voz e sua permanência não podem ser apreendidas como realidades sinonímicas, pois enquanto a primeira se realiza no presente, a segunda se realiza por sua duração na memória e na mentalidade do coletivo, caso a memória se compartilhe, valorizem-se os símbolos empregados e se os aceite. A distinção que fazemos aqui entre “presença” e “permanência” devemos a Paul Zumthor, que em *A letra e a voz: a literatura medieval diferencia transmissão oral de tradição oral*.

⁵ “Igualmente antropofágico no romance de Mário de Andrade é o constante consumo de identidades do herói, que ora pode ser bacharel, ora pode ser artista em busca de bolsa do governo, ora se transforma numa linda francesa, num lindo príncipe, no imperador do Mato Virgem, num negro e num branco. Macunaíma tem uma avidez notável por consumir novas identidades com vistas a realizar os seus próprios fins e este também é um gesto antropofágico” (MELO, 2010, p. 209).

⁶ Daí a necessidade de valorização: só se guarda na memória aquilo que é importante ao coração.

⁷ Cremos que não haja necessidade de explicação àqueles que leram a obra, mas não nos é onerosa a lembrança de que o termo é uma metáfora para relação sexual.

⁸ “Spoiler”: Macunaíma não obtém sucesso e seu final é triste!